

A SITUAÇÃO

JORNAL OFICIAL, POLÍTICO E LITERÁRIO.

Assinatura

Por um Ano 12000
Por seis meses 7200
Número avulso 100

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA EM DIAS INDETERMINADOS

SUBSCREVE-SE NO ESCRITÓRIO DA TYPOGRAPHIA A' RUA ONZE DE JULHO N.º 29.

Não se recorre

ASSINATURA POR MENOS DE SEIS MESES

PARTE OFICIAL.**GOVERNO DA PROVÍNCIA.**

**Administração do Exm. Sín.
Barão de Diamantino 2.
Vice-Presidente da
Província.**

Expediente do Governo do dia 5 de Junho de 1875.

Ao Inspector Geral das aulas, declarando para seu conhecimento e fins convenientes e em resposta ao seu ofício desta data que, fica designado o dia 14 visto não ter o opONENTO à 1.ª cadeira de instrução pública primária desta Capital, José Gomes da Silva, por encargo de sua Secretaria, respectivo Delegado de Polícia Capitão Joaquim José Rodrigues Calhão.

— Ao Comandante interino das armas, declarando, para seu conhecimento e fins convenientes, em resposta ao seu ofício n.º 695 e data de 14 de Maio ultimo que, por enquanto a Presidência autoriza unicamente a compra dos artigos necessários ao consumo diário da phar-macia militar, reservando para melhor oportunidade as demais provisões lembradas pelo respectivo pharmacêutico, visto haver deficiência de crédito, segundo informa o Inspector da Thesouraria de Fazenda para a verba «Corpo de Sátios e Hospitaes» do Ministério da Guerra, no actual exercicio.

— Ao Inspector da Thesouraria Provincial, comunicando, para seu conhecimento e devidos efeitos e em tempo opportuno que, nesta data, a Presidência autoriza aos Srs. Valença e & Magalhães a receber do Dr. Abilio, na Capital do Império, os 1200 exemplares de livros escolares por elle oferecidos gratuitamente à Província, para usos das escolas públicas primárias, ficando os mesmos Srs. encarregados da remessa dos ditos livros a esta Capital, visto não ter podido seguir para corte S. Ex.º o Sr. Protonotário Ernesto Camilo Barreto, que disso se achava encarregado, devendo ser satisfeita por essa Repartição a despesa que elles fizerem.

— Ao mesmo, para que mande pagar a Claro Pereira Roberto a quantia de 2308000 reis concorrentes a que fez na frente do Edifício do mercado desta Cidade.

— Ao promotor público da Capital, respondendo o seu ofício de 3 de corrente mês, pelo qual ficou a Presidência seiente de haver S. M. mercê inspecionado, no dia 29 de Maio último, os livres do registo

civil da Freguesia da Chapada e encontrado regularmente feita a respectiva escripturação.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda, comunicando, para seu conhecimento e devidos fins que tendo o Dr. chefe de Policia seguido para Miranda em diligencia do serviço público, ficou encarregado do expediente de sua Secretaria o respectivo Delegado de Polícia Capitão Joaquim José Rodrigues Calhão.

— Ao Comandante interino das armas, declarando, para seu conhecimento e fins convenientes, em resposta ao seu ofício n.º 695 e data de 14 de Maio ultimo que, por enquanto a Presidência autoriza unicamente a compra dos artigos necessários ao consumo diário da phar-macia militar, reservando para melhor oportunidade as demais provisões lembradas pelo respectivo pharmacêutico, visto haver deficiência de crédito, segundo informa o Inspector da Thesouraria de Fazenda para a verba «Corpo de Sátios e Hospitaes» do Ministério da Guerra, no actual exercicio.

— Ao Inspector da Thesouraria de Fazenda, respondendo o seu ofício n.º 72 de 3 de corrente mês, pelo qual ficou a Presidência seiente de haver S. M. de conformidade com a ordem n.º 18 de 24 de Abril proximo passado, ordenado ao Inspector da Alfândega de Albuquerque que pusesse á disposição do Barão de Maracajú a quantia de 20.000\$000 para ser aplicada as despezas extraordinárias da comissão de limites entre o Império e a República da Bolivia.

— Ao Promotor público da comarca da Capital, para que, à vista dos papéis que lhe são enviados, promova perante a autoridade competente e como for de lei a acusação do Reverendo Padre Francisco Bueno de Sampaio por conservar aberta a escola particular que rege e que por despacho da Presidência de 19 de Abril ultimo foi mandada fechar em razão de não ter elle satisfeito as disposições do art. 4.º § 1.º da lei provincial n.º 13 de 9 de Julho de 1874 e do art. 15 § 1.º do Regulamento de 4 de Julho de 1873.

(Comunicou-se ao Inspector Geral das aulas.)

CLASSE DE LETURA

Instrução Pública. — Nos dias 9 e 12 de Junho do corrente tiverão lugar os exames de classes dos alunos da 1.ª e 2.ª escola de instrução pública primária a cargo do professor Benedicto Francisco de Paula cujo resultado foi o seguinte :

1.ª ESCOLA.**SECÇÃO DE LEITURA.**

Passarão da 1.ª classe para a 2.ª os seguintes : — Joaquim Marcellino Martins e Joaquim Frederico Corrêa.

Da 3.ª para a 4.ª — Manoel Rodrigues de Miranda.

Da 4.ª para a 5.ª — João Theotonio da Cruz.

Da 5.ª para a 6.ª — José Maria de França.

SECÇÃO DE ESCRITA.

Da 3.ª para a 4.ª — Joaquim Marcellino Monteiro e Manoel Rodrigues de Miranda.

Da 6.ª para a 7.ª — João Theotonio da Cruz e José Maria de França.

SECÇÃO DE DOCTRINA.

Da 1.ª para a 2.ª — João Theotonio da Cruz.

2.ª ESCOLA.**SECÇÃO DE LEITURA.**

Passarão da 1.ª para a 2.ª classe os seguintes : — Luizelpho de Cerqueira Caldas.

Da 2.ª para a 3.ª — Manoel Ferreira da Silva Campes, João Mariano Barreto, João Capistrano da Costa e Pedro Nolasco Leite Pereira.

Da 3.ª para a 4.ª — João Febrônio de Cerqueira e Joaquim Auto-nio Xavier da Costa.

Da 4.ª para a 5.ª — Manoel da Nascimento da Costa Pontes, José Mariano Barreto, João Fagundes Pereira, Tiburcio da Silva e Antônio Augusto.

Da 5.ª para a 6.ª — Antônio Leiz de Cerqueira Valdés, Manoel Pedro Batista da Pontes, Francisco Ramos da Silva, José Góis Alves dos Reis, Joaquim Cesario de Alencastro, Luiz Theotonio Monteiro, Manoel Nunes de Barros e Manoel de Esteves Santo.

Da 6.ª para a 7.ª — Manoel Pedro da Costa Pereira, Francisco Ra-

mos da Silva e Diego Nunes da Silva.

SECÇÃO DE ESCRITA.

Da 3.ª para a 4.ª — Manoel Monteiro Varella, Egídio José da Costa, José Victor da Silva, Dario Ben Dias de Moura, João Davis Monttiro, Celestino Rodrigues de Moraes, Manoel Leite Pereira, Pedro Celestino, Manoel João Fernandes, João Febrônio de Cerqueira.

Da 4.ª para a 5.ª — Manoel Ribeiro Tocantins, Calixto Ferreira Costa, João Nunes de Souza e João Cândido da Cunha Pontes.

Da 5.ª para a 6.ª — Germano Rodrigues de Siqueira, João Baptista Pedroso, Joaquim Pedroso de Almeida, Tiburcio da Silva Rondon e Manoel Ferreira da Silva Campos.

Da 6.ª para a 7.ª — Joaquim Antônio Xavier da Costa, Manoel do Nascimento da Cunha Pontes, João Fagundes Pereira, Antônio Rodrigues Leite Pereira, Manoel Pedroso da Canhã Pontes, Francisco Ramos da Silva, João Gonçalves dos Reis, Joaquim Cesario d'Alencastro, Manoel Nunes de Barros, Diogo Nunes de Souza, Antônio de Faria Pereira, José Maria de Barros, Aureliano Augusto e Manoel do Espírito Santo.

Da 7.ª para a 8.ª — José da Costa Meira, Antônio Leiz de Cerqueira Caldas, Luiz Theotonio Monteiro, Agostinho Monteiro Varella e Manoel José de Souza Neves.

SECÇÃO DE DOCTRINA.

Da 1.ª para a 2.ª — Manoel do Nascimento da Cunha Pontes e João Fagundes Pereira.

Da 2.ª para a 3.ª — Manoel Pedroso da Canhã Pontes, Francisco Ramos da Silva, João Gonçalves dos Reis, Joaquim Cesario d'Alencastro, José Maria de Barros e Manoel José de Souza Neves.

Da 3.ª para a 4.ª — Marcellino Pedroso da Almeida, Antônio Leiz de Cerqueira Caldas, Luiz Theotonio Monteiro, Agostinho da Silva, José Manoel da Costa Návis e Antônio Leiz de Cerqueira Costa.

SECÇÃO DE GRAVATAS.

E. Lamego para 1.ª classe — Luiz da Costa Neiva, Antônio Leiz de Cerqueira Caldas, João Gonçalves dos Reis, Joaquim Cesario d'Alencastro, Luiz Theotonio Monteiro, Manoel Nunes de Barros e Manoel de Esteves Santo.

Miguel Nunes de Britto, Mário, à administração e nos órgãos dos Conselhos de Santo, Diogo, Neto e outros entretanto. S. J. António de Brito, Pereira, Francisco Augusto da Silva, José Manoel de Seixas Neves, Francisco José Perpétuo, Agostinho Monteiro Vaz, Almeida José de Souza Neves, António Faustino de Cerqueira, Manoel do Espírito Santo e José Maria de França.

CORRESPONDENCIA DE PARIS

Carta Parisiense.

Receava que minha ultima carta tivesse obcecado o quadro conselheiro da instalação da República na França, segundo a formula de 25 de Fevereiro de 1875. Porém exata dia, que descreve, prova-me que se lembrar ao leitor a data de 24 de Maio, collecava-me no proprio amanhecer da situação. A ordem moral não abdicou. Submettendo á uma analise conscientiosa os incidentes da quinzena preterita, descobriremos sob o manto do dia os mesmos homens, e sob a linguagem de circunstâncias as mesmas doutrinas e tendencias. Uma parte do centro direito uniu-se ao centro esquerdo, não para fundar seriamente a república, mas sim para sair d'uma situação intolerável, e arrancar aos bonapartistas a preza nacional que já lhes tombava nas garras. Cada qual tremor por si e por seus principes, e resignou-se á votar pela Constituição, que todos conhecem. Formou-se então um gabinete, em que os dous centros se achão desigualmente representados; porém si os dous rios correm no mesmo alveo, suas aguas não se confundem.

Sinto não poder juntar minha voz á dos optimistas que acreditam ou fingem crer na unidade do gabinete de 10 de Março, porque me é impossível deixar de notar suas profundas e lamentáveis dissidencias. Quanto ao mais, achão-se ellas na

A primeira nota, do centro direito, foi dada pelo Sr. Buffet na declarando que fez, ao subir no poder, á maioria de 24 de Maio. A direita não comprehende este convite ou faltou desubtileza e acerto. Si o convite indirecto do Sr. Buffet tivesse sido comprehendido, o dia 12 de Março poderia ser denominado o dia dos illusões. O centro esquerdo e o partido republicano terão sido mystificados e talvez desmobilizados na opinião pública. A longanimitade, a paciencia, a abnegação de todas as frações deste partido ter-se-hão convertido em impotencia e imbecilidade.

Até que ponto comprehendem o partido republicano a perfídia do golpe que acabava de dar-lhe o chefe dos aliados do centro direito? Ignoro; porém, a opinião socorre felizmente as esquerdas. Houve contrarieidade no paiz. O gabinete não podia viver após a declaração do Vice-presidente do Conselho. Nem o Sr. Dufaure, nem o Sr. Léon Say, nem mesmo o Sr. Wallon podiam ficar em similhante terreno. Foi então que circulou o boato da publicação da circular Dufaure, que era aguardada com certa sensação em 30 e 31 de Março. Os jornais não comprehendem tudo e não podem, nem querem dizer o que sabem. Como os grupos parlamentares, elles obedecem á necessidades de tactica. Foi por isso que não derão a verdadeira significação da demora da publicação da circular do Sr. Dufaure. Ao ponto de vista elevado em que pretendemos collocarnos aqui, deixá de existir toda e qualquer explicação de pormenores sobre tal ou tal phrase suprimida. Consideramos a superficie do facto o seu colorido, porém não o seu espírito. O facto real é a incotipabilidade dos dois elementos que compõe o gabinete de 12 Março. Bem sabia o Sr. Buffet que perdia a primeira parada ante a afirmação da

República articulada pelo Sr. Dufaure. Também neste ponto a opinião pronunciou-se energicamente. Pela vivacidade dos seus aplausos ou por outra, d'esse rumor que apearde o estado de sítio, eleva-se á cada encontro d'um grande povo: exprimia o paiz sua adhesão ás palavras do Sr. Dufaure. Seus elogios implicavam uma censura indirecta da atitude do Sr. Buffet. A política do centro (a que vigora actualmente) triumphava. Pela primeira vez depois de 24 de Maio, saía o governo do tiquivoco. Achava-se a República afirmada e os bonapartistas, vilipendiados e ameaçados. Não posso exprimir o alívio que teve a França durante alguns momentos, ao arrancar a máscara da hipocrisia que a sufocava... Tal exíto não deslumbrou todavia o partido republicano, que teve a prudência de triunfar com moderación. As folhas do centro esquerdo até ajudaram as do centro direito á abrandarem o golpe que recebia o Sr. Buffet, atenuando a alcada da sua declaração emprestando-lhe nina quantidade de boas intenções que meu fraco intellecto não me permitiu perceber. Poucos dias depois, a morte d'un pensador illustre, o Sr. Edgard Quinet, fornecia ao partido radical a occasião de mostrar que o centro esquerdo é sobrepujado em brandura, prudencia e toda especie de procedimentos de conciliacão. Sobre o tumulo de Edgard Quinet, o Sr. Gambetta descolou o meio de proferir um discurso perfeitamente democratico e republicano, porém tão correcto á ponto de vista da prudencia, que as folhas do centro direito não puderão recusar-lhe certa approvação. Também falava o Sr. Victor Hugo com a poesia magistral e a inspiração prophética que caracterisou suas palavras. Porém esta voz pareceia de um outro tempo. Era para os homens de outrora uma reminiscencia melanchólica do passado. Para o observador, que comparava os dois disser-

dores, o resultado da discussão, havia um dia, o 1º de Abril, quando o partido republicano, abandonando os regímes do ideal para entrarem as suas realidades da vida prática. Mas quem poderá dizer que este ideal não teve sua utilidade historica? Não foi elle que apoderou-se da alma da mocidade e que preparou estas novas gerações, cuja educação politica foi aperfeiçoada pelas desgraças da patria?

Alguns dias de tranquillidade sucederão á estas diversas manifestações. O partido republicano, isto é grande maioria do paiz, responda com tranquilla satisfação, quando novo incidente ainda veio augmental-a. Por occasião da distribuição dos premios ás sociedades científicas das províncias, o Sr. Wallon, ministro da instrucção publica, perante una dourta assemblea de delegados de todos os pontos do territorio, fez uma fala em que o nome da república foi ainda uma vez articulado, afirmado e consagrado, bem como acolhido com repetidos bravos pela assemblea de sciarios. E no dia seguinte, a homenagem sincera e espontanea, rendida ao régimen republicano por uma corporação de homens de scienzia e de estudo, achava-se inserita no *Journal Official*.

Na verdade parece que d'esta vez ganhou-se a partida, que o centro direito se resigna, que antigos complices da ordem moral, que constituiram a maioria do gabinete, elvidrão as velhadas do primeiro dia. Pois bem, é um engano. Vamos encontrar a outra corrente, e demonstrar ainda uma vez que elle não se confunde com outra que costuma.

Em 15 de Março, o Sr. de Cissey, ministro da guerra, endereçava aos chefes de corpos e generaes uma circular, cuja existencia conhecemos, graças á uma recente indiscripção do *Fim*. Nesta circular que recomenda o respeito da Con-

perguntou um dos convivas, ao sahirmos do restaurant.

— N'uma excellente *brasserie*, onde ha criadas lindissimas; respondeu o portuguez. Sobretudo uma andaluza, Henrique, que muito gosta de mim, porque fállo hestanhos...

.....partimos para Andaluzia... Ao ver-nos, a Dulcinea veio enccher as chicuras de café, e começou á palvar com o D. Quichote.

— Meus *ninos* ** estão docentes; disse ella, erguendo os olhos ao Céu.

— Que quer dizer ninos? — perguntou um francêz.

— *Nids****... — responde o hos-

— Café — tondo a cerveja por beber especial.

** Niño, que se pronuncia *ninho* na hispanhol, significa filho —

*** *Nid* — significa *ninho* em

panhol falsificado.

— E quantos tem?

— Dous.

— Então deve ser boa poedeira, visto não bastar-lhe um só; — replicou o francêz, rindo as gargalhadas.

— 25 de Abril — Nada é mais agradavel do que uma visinha; não é indispensavel que seja bella á seduzir santos — basta ser engracada, sympathica, e inimiga fiadal das virtudes theologicas.

A minha possue as qualidades espirituais exigidas pela visinhance: alegria e folgazia — vi, canta e prefere o caminho de flores ao de espinhos, porque se *calça beijas de peluda*.

Há 15 dias que esta carinha feiticeira substituiu-se ao enrugado carão d'uma pharmaceutical, magro como um canivete — e, pela pri-

meira vez, tive o prazer de prová-la, que os olhos vivos não me são indiferentes.

Arrancando as folhas secas das rosas que se espalhão no seu terraço, ella entoava a canção das medistas:

« E cariando rego as flores,
Debruçadas á janelha,
Que me segregão amores
Como si fosse donzella! »

« Não nasci para ser freira;
Sigo o exemplo de *maman*...
Ser modista ou costureira,
Fumar e dançar *cantares*... »

« Meu amante era tão belo! —
Por tanto não houve bulus,
Quando passou s-o carneiro
Pelo fundo *casa apalha*... »

— Bons dias, visinha! — disse interrompendo o georgico.

Ella voltou-se, e, jactando-se

Kalendar d'um Parisiense

(Continuação do n. 455.)

— 20 de Abril. — Sempre tive o excuso gaudio (diria algum poeta excessivamente desmojado!) de encontrar sujeitos que fidiavam todas as línguas, mesmo as mortas, ou as que nunca viverão.

D'essa colossal sapiencia, sempre brotão parvozes colossas; porém os nescios parecem-se com os maridos infelizes, que são os deradeiros a admittirem que a testa de um mortal pode servir de pedestal á duas reclinacões do Vénus.

Sentava em conversaçao de alguma francesa, e d'uri portuguez sentado de puro direito e de rictus caucasianos.

— O que é preciso fazer cada dia?

estabelece em termos vagos de
preciso militar, o nome da Repu-
blica não se ainda formulado. Este
é que esse nome não fugiu na circu-
lar endereçada pelo Sr. Buffet aos
prefeitos.

Temos por conseguinte no gabi-
nete de 10 de Março duas espécies
de ministros; os que se dignão arti-
cular o nome do governo que nos
rege, e os que occulto-no. Em bom
franze, esta omissão do nome da
república nas circulares e fallas of-
ficiais significa: « Homens da
ordem moral, não ha discordia entre
nós ; o marechal não gosta da Re-
pública, e nós soffremos com as-
soço profundo. Não olvideis que um
dia deveremos unir-nos como em
24 de Maio, e em virtude da estipu-
lação da revisão, varreremos em
1880 republica e republicanos. »

Para garantir tais disposições, o
ministro do interior, vice-presidente
do Conselho, inaugura a consti-
tuição republicana de 25 de Feve-
reiro conservando nos seus respe-
ctivos cargos os prefeitos realistas,
bonapartistas e cléricias, instala-
dos pelo Sr. de Broglie; é por isso
que alguns d'elles si easo empre-
gai uma expressão trivial, « met-
tem os pés no prato. » Também hou-
verão desses ingenuos interpretes
do pensamento do Sr. Buffet, ou
da corrente da direita do gabinete
que protestarão com energia, digna
do seu passado, contra a homena-
gem rendida ao governo da republi-
ca por presidentes de Conselhos ge-
raes.

Desta sorte, não articular o nome
da república parece uma conven-
ção tacita entre a parte direita do
gabinete e os funcionários da or-
dem moral. Quanto ao bonapartis-
mo, é reprimido com dureza. Pre-
tende o governo cortel-e, sem es-
magal-o, e como si reservasse-o pa-
ra occasião propicia, concede-lhe
algumas satisfações à custa dos re-
publicanos. É positivo que o deixa
em posse dos *mairies* e de muitas
prefeituras. Porque não haveria o

paiz de comparar a conducta do Sr.
Buffet, após 25 de Fevereiro, à do
Sr. de Broglie após 24 de Maio ?
Quem esqueceu-se do infeliz Beulé,
que julgou-se ministro por si mes-
mo, d'essa vasta demolição de pre-
feitos republicanos que elle executa-
rou com a vontade de sua ma indol-
e no interesse dos favoritos da or-
dem moral ? Julgarão util, nessa
época, dispor de instrumentos ne-
cessarios ao novo regimen. Entre-
tanto hoje parece que os agentes
políticos de 24 de Maio podem muito
bem installar a República. O minis-
tro do interior não falla nos prefei-
tos como chefe, mas sim como ho-
mem timido que desejaria descul-
par-se, por ter adherido ao regimen
republicano.

Um só ministro da direita, o Sr.
de Meaux, distingue-se do seu grupo.
É preciso notar-se que é um
verdadeiro clerical; presere o nome
da república, é verdade, accompa-
nhando-o porém da antiga legenda
do « Perigo Social » e Paixões sub-
versivas » que é signal de aliança
para certos partidos.

As folhas do centro direito com-
prehendem perfeitamente a tática
do Sr. Buffet e dos seus amigos.
Favorecem esta reacção subterra-
nea, que ainda se torna mais perigosa,
por achar-se no proprio aná-
go do governo. As gazetas estipu-
diadas pelos principes d'Orleans, o
Journal Paris e o *Soleil*, o journal
do Sr. Broglie e Buffet, le *Français*,
distinguem-se especialmente nesta
tática, em desacreditarem o parti-
do republicano, ridicularizando-o,
vilipendiando-o, e censurando-o,
embora fallem d'uma especie de cons-
tituição de 15 de Fevereiro á qual
é preciso conformar. A publica-
ção dos documentos do inquérito
relativo ao governo da Defesa Na-
cional forneceu-lhes a occasião de
aplicar-nos seu sistema que me pa-
receu sem destreza, por desmascarar
os autores.

Tal é a verdade ácerca da situa-
ção da França. Pode-se fallar della

no estrangeiro sem inconveniente
algum porque não causa danno à
prudente tática do partido repu-
blicano que não se commove e
continua á mostrar se moderado.
O suffragio universal imitará por
ventura a circumspectão do impren-
sa e dos grupos parlamentares? Não
é provável. As eleições do Conselho
geral do Sénat provão que o povo
de Paris comprehende a guerra oc-
ulta feita à República e protesta,
empregando os meios de que dispõe.
Não se deve todavia considerar a
França sob o ponto de vista das
eleições de Paris. Existem na Ca-
pitânia inumeros operarios que não
desejão transigir. Justo é não olvi-
dar-se também que nesta Capital
das Sete dores sempre foi a maior
victima de impostos e mais metra-
lhada das Comuninas da França:
Ia neste grande foco de misérias
sociais, muitos erros porém muitas
tradicções lugubres e muitas le-
gendas domesticas com o sinete do
irreparável e da desgraça infinita e
irremediável.

Alceste.

EDITAIS

Pela Contadaria da Thesouraria
de Fazenda da Província se faz pu-
blico que, pelas ordens do Thesou-
ro n.º 15, 16 e 20 de 9, 10 e 29 de
Abril proximo passado, foram man-
dadas pagar as dividas de exerci-
cios findos, cujos credores são os
seguintes:

Adão da Costa Faria	105\$000
Saturnino Francisco	
Bispo	55\$000
João Henrique da S.	52\$500
Luiz da Cruz Fany	42\$000
Anacleto Marques	
Ferreira	55\$000
Francisco de Paula	
Faria	108\$800
Ricardo da C. Leite	288\$875
José Gomes de Lima	40\$800
Antônio José Gomes	
Cazaca	32\$000

as francesas, que preferem uma
boa peça ao maior peccado mortal.

— E si houvesse peccado, depois
do espectáculo ?

— Seria ouro sobre azul.

— Neste caso, iremos ver a *Mae*
Angot.

— Como anda depressa !

— Ir para chegar mais cedo.

— E si eu não quizer ?

— Dar-lhe-hei um beijo.

Eulogizando-lhe o pescoco, uni a
ação à palavra.

— Ora veja como avermelhou-
me a face...

— Espere um ponce.. Vou fa-
zer o mesmo á outra para que não
hajão ciúmes.

— Não Sr... fique sentado, se-
não chamo por Mariette.

Ao ouvir proferir seu nome, a
escunadeira apresentou-se.

Eleuterio Pereira da	
Costa	175\$000
José da Costa Mag- lhaes	55\$500
Hilario de Sz. Félix	26\$400
José Leite Martins	27\$500
Estevão dos Anjos	148\$250
M.º Fernandes dos	
Rios	33\$500
Joaquim José de San- ta Anna	42\$000
Ant.º da Costa So. a	15\$750
M.º Ramos d. Criz	27\$500
Bernardino da Silva	
Gomes Coimbra	15\$675
Rofino Francisco Ri- beiro	12\$375
Vicente Ferreira dos	
Santos	12\$375
Felix Bento da Costa	
Eugenio Pereira da	
Costa	15\$000
José Roiz da Fonseca	
Lourenço Rodrigues	
Lisboa	6\$000
Joaquim Ferreira de	
Moraes Nayarros	51\$000
Joaquim Lucas E- vangeliista	55\$000
Christovão Pessoa da	
Silva	52\$500
Inocencio de Souza	
Aguiar	19\$688
Antonio Evaristo da	
Silva	17\$500
Augusto Lopes Port- ella	
João Seixas de Britto	10\$000
Manoel Mor. Lima	28\$000
Antonio Mauad	20\$625
João Fagundes do	
Espirito Santos	44\$000
M.º Antonio da Silva	23\$750
Ant.º Antunes Ferraz	31\$500
M.º Corrêa de Mattos	18\$000
Antonio Ferreira Al- bernaz	120\$000
Joaq.º José Torquato	55\$000
Manoel Francisco de	
Miranda	55\$000
Antonio Ignacio, es- cravo da Marquesa de	23\$925
Mariahe	
João, escravo de Ant.º	77\$000
Theodoro del Figueiredo	68\$000

A visinha encarou-a, e desatou
á rir.

Ilavia capitulação... O céosinho
não se enganara.

O dia parecia-me incommuni-
cável.. Era a visinha espirituosa,
seus beijos eram saherosos, quel
maracujá bem maduro... mas faltava
o fogo artificial que coroa to-
das as festas.

Grande foi meu contentamento,
quando a noite abriu a brasa.

Fomos ao theatro, onde sumer-
mente divertiu-se, ao passo que eu
não deixava de olhar para o reló-
gio, amaldiçoando a pregação dos
ponteiros, que andavam como deus
condenados á morte,

A 1 hora da madrugada, galgá-
mos a escada que devia conduzir-
nos ao *pátio*.

Ao passarmos perto de apesar

olhos maliciosamente, exclamou
com surpresa:

— Que milagre !... Julguei que
era cego...

— E porque ?

— Porque não parecia notar que
o velho górguento mudara-se.

— Pensava que era Duqueza...
e como sou democrata...

— Bem sabe que as Duquezas não
morrem perto do Céu. Quer uma rosa?

— Com muito gosto.

— Pois venha bascal-a.

— E seu marido ?

— Não conheço tal bicho.

— Então não ha receio que me
contem os bigodes ?

— Não.

..... Quando abri-me a por-
ta, um céosinho, mais alvo que os
dentes dum negro, poz-se á feste-
jar-me, como si ha muito me co-
nhecesse.

Bom augurio !... Começava á
ser de casa.

Déo-me a flor, e conversamos até
a hora do almoço.

— Quer almoçar commigo, visi-
nho ?

— Com prazer... si permittir-me
que seja o pagador da tropa.

— Ora essa é boa !... Não ; com
vezes não. Pagarei o jantar.

— Mariette !... ponha a mes-
disse á criada, rapariga amarella
com cara de escunadeira.

Conversos e bebemos como si o
fastio não fosse causa deste num-
ero. Cada bocado era esfolado por
perguntas e respostas, e os incess-
antes tragos d'um descendente do
velho *Falerno* tornavão-nos mais
eloquentes do que um advegado
que precisa de dinheiro.

— Gosta do theatro visinha ?

— Que duvida ! Sou come to las

Francisco, escravo do Dr. José Corrêa & André Gonçalves Nunes.....		Augusto Francisco Cardoso.....	9\$320
José d' Oliveira, es- cravo do Barão d'Aguas- pady	55\$000	João da Costa dos Au- jos	8\$480
Claudino, escravo do Dr. José Antonio Mur- tucho	50\$000	Estolano José Dutra Sebastiana Pedroso de Camargo.....	25\$800 4:846\$000
Veriato, escravo de D. Maria das Dores Si- abra.....	22\$000	Mariana Joaquina Jo- sefa de Jesus.....	20\$708
Tubias, escravo de Pedro Maná.....	42\$000	Alferes Antonio Eu- genio Ramalho.....	18\$000
Felippe, escravo de D. Anna Corrêa.....	33\$000	Sabino Fernandes de Souza	1:007\$760
Padre Antonio Fer- reira Mendes, vigario encomendado da Fre- guezia do Rosario	33\$000	Contadoria da Thesouraria de Fazenda em Cuiabá, 8 de Junho do 1875.	
José Sabo Alves de Oliveira, Juiz Munici- pal do termo reunido ao de Diamantino.....	25\$000	O Contador, <i>José Estácio Corrêa.</i>	
Flaviano José de Mat- tos, Juiz Municipal do termo do Rosario reu- nido ao de Diamantino Branco de Diamantino	306\$405	O Tenente Salvador Pompéo do Barros Sobrinho, Juiz de Direito da Comarca especial da Cidade de Cui- abá, Capital da Província de Mato Grosso, na forma da Lei &.	
Alferes João Baptis- ta de Arruda Penteado	675\$000	Faz saber ao publico que nos di- as 22, 23 e 24 do corrente mês, as onze horas da manhã nas casas do Tribunal da Relação haverá praça publica do immovel da rua Conto de Magalhães n. 25 pertencente aos herdeiros dos falecidos Ignacio Ferreira Albernaz e sua mulher Isabel Maria Albernaz, novamente avaliada por R. 4:000\$000 verifi- cando-se a arrematação no ultimo dia designado. E para constar se passa o presente Edital que será publicado pelas ruas públicas des- ta Cidade e pela Imprensa. Convi- da-se ao Sr. Procurador Fiscal Pro- vincial para apresentar as contas das decimas atrasadas, e ao Sr. Pro- curador da Camara Municipal pa- ra apresentar a conta dos sôrlos,	
Tenente Olavo Teixeira do Amaral.....	48\$800		
Tenente João Braz da Silva Junior.....	20\$000		
Manoel Wanderley Navarro.....	6\$000		
Antonio Francisco Xavier.....	2\$520		
Atanazio Vaz.....	8\$635		
Manoel Pires de Ca- margo	31\$800		
José Jerônimo Corrêa	141\$860		
Joaquim Antonio So- ares	33\$355		

do Nina, o cãozinho ladrou, far-
jando o sôrlo.

Pobre coitado! Sua dona ingra-
ta enganara-se de porta.

— 27 de Abril. — Tomavamos
café na varanda de uma casa de
campo, onde havia numerosa e bem
escolhida sociedade.

Ao passo que se esvaziava cali-
ces de *rum e chartruese*, mais in-
teressante tornava-se a conversa-
ção. — Descutia-se com ardor a
esse breve questão da timidez e colar-
dia das mulheres.

Palavramos os homens, citando va-
rios escriptores, sem conseguirem
convenecer as Sra's.

— Qual é sua opinião? — per-
guntou-me uma das mais exalta-
das apologistas da coragem femi-

nina — Pensa que somos timidas
e cobardes?

— Tal não é meu parecer; — dis-
se, lancando-lhe um olhar amo-
roso — e até ouso acrescentar que,
ao ler-se as asqueiras escriptas por
tantos sabios, dir-se-hia que vive-
rão em Sodoma, cidadesinha onde
a mulher era língua morta. Ora
eu que não tive o prazer de nascer
com olhos azuis, cabellera pos-
ticia e caixa de rapé, signos evi-
dentes de alta sapiencia, não ad-
mitte que, em vez de reconhecer
mos as distintas qualidades do se-
xo feminino, lhe attribuamos de-
fícitos que pessimamente em grande
dose.

Minha interlocutora agradeceu-
me com um sorriso que revelava ex-
cessiva gratidão, e dando-me o
braco, propoz uma passião no bos-
que vizinho.

afim de serem pagas pelo produto
d'arrematação.

Dado e passado nesta Cidade de
Cuiabá, nos 14 de Julho de 1875.
En Antonio José Zefirino Ama-
rante, Escrivão do Juizo de Orphões
que o escrevi.

Salvador Pompéo de Barros Sobrinho.

ANNUNCIOS.

DESPEDIDA.

O abaixo assinado, tendo em
cumprimento do seu dever de accom-
panhar o Batalhão de Infantaria n.
21 que brevemente seguo para as
Fronteiras do Baixo Paraguai, e não
lhe permitido seos entommodos de
saúde de aproveitar as poucas ho-
ras que lhe sobraram de suas occupa-
ções como Capitão d'aquele Ba-
talhão, para pessoalmente dizer a
todas as pessoas que sempre o dis-
tinguirão com sua amizade, — o
seu a Deus de despedida, — roga
por isso a todas elas queirão acei-
tar pelo prezento; assim como a of-
ferta de seu diminuto prestimo em
qualquer parte á onde Deos o con-
duza. Serve-se também da oppor-
tunidade para declarar que nada
deve a pessoa alguma; e se por ven-
tura alguém se julgue seu credor,
o convida para quanto antes apre-
zentar sua conta na caza da resi-
dencia do mesmo abaixo assinado,
rua do Barão de Melgaço n.
32. —

Cuiabá, 14 de Julho de 1875.
Alexandre Florentino de Albuquerque Mello.

PARAGUAI.

Faço publico aos habitantes des-
ta Cidade que no dia 22 do corren-
te as 11 horas da manhã, nas ca-
sas do Tribunal da Relação será
arrematada por quem mais der e
maior lance oferecer, uma propri-
edade de casa sita na rua de Gui-
llerme sob n. 10 com 3 salas de
frente ao sul e fundos ao Norte a-
valiada por 1,200\$000; um par de
cauas de pragaria, em bom es-
tado, avaliado por 30\$000; e uma
espada de aço com bainha de me-
tal avaliada por 10\$000; penhorados
ao executado Alferes Francisco de
Assis Salles para pagamento do
credor exequente João dos Santos
do Amaral Coutinho. E para que
chegue ao conhecimento de todos
faço a presente publicação.

Cuiabá, 8 de Julho de 1875.

O Escrivão.

Antonio João de Sousa.

N. 12.—RUA DA BARRA-VISTA—N. 12.

Na casa do abaixo assinado vende-se gorâna in-
teiro a



Cuiabá, 16 de Julho de 1875.

José Antunes Maniz.

— Não comprehendo bem o que
desje.

— Entretanto nada é mais claro;
já esqueceu-se da these quo, ha
pouco sustentava?

— Não respondi... Paz um joelho
em terra, e ergnendo de leve a ora-
la do vestido, dispunha-me a atar
a liga, quando meus dedos recatão
a epiderme assentada.

— Ela estremecia, como agitada
por convulsão eléctrica e, vendan-
do os olhos com as mãos, tombava
sobre a relva florida.

— Depois, num abrigo estreito
Sofrera... e em sol redio!

— A brisa soprava as flores
Si algumas vez vir, não sei,

(Cont. J. A.)

*Type. de S. Neves & Cem.—E-
ditor, Joaquim da Cesta TEIXEIRA.*